



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante encerramento do Seminário sobre as oportunidades de investimento no Brasil oferecidas pelo Programa de Aceleração do Crescimento

Roma-Itália, 11 de novembro de 2008

Obs.: Por problemas técnicos não foi possível reproduzir a íntegra deste discurso

...e que não vai parar de fazer. Na dificuldade, vai ter que vir aqui, na Itália, tomar dinheiro emprestado para fazer. Mas são muitos navios, muitas sondas, muitas plataformas que nós precisamos construir até 2014. Até 2010 estavam previstos US\$ 112 bilhões.

Afinal de contas, buscar petróleo a 7 mil metros de profundidade é mais difícil do que achar petróleo, do que tirar no Texas, à flor da terra. Mas, de qualquer forma, exatamente por termos investido em tecnologia é que nós vamos buscar esse petróleo lá embaixo, para dar mais garantia e mais solidez não apenas à Petrobras, mas à economia brasileira. Então, isso aqui é um convite à confiança no Brasil e um convite, Emma, que você precisa fazer para que os brasileiros também confiem mais na Itália.

Uma visita em que nós queremos mostrar que somos mais do que parceiros, que nos entendemos, que nós queremos construir uma parceria estratégica com a União Européia, não apenas com o Brasil mas também com o Mercosul, e que enquanto essa parceria estratégica não sai e não se consolida, nós precisamos fazer acordos bilaterais mais fortes.

Eu me lembro de que na década de 60, no Brasil, só se cantava música italiana. Não sei porque parou. Talvez a inglesa tenha ocupado o lugar, as músicas americanas talvez. Mas também, certamente aqui, em algum momento se tocou mais Jobim, mais Vinícius de Moraes, mais Chico Buarque,



não sei o que toca agora. Então, essa proximidade cultural precisa voltar a acontecer entre os dois países. E precisa acontecer muito forte, porque isso engrandece.

Nós já fizemos o Ano Brasil-França, na França. Vamos fazer agora o Ano França no Brasil. Por que não tem o ano Brasil-Itália? Por que não tem uma semana do Brasil em Roma e uma semana da Itália no Brasil, em São Paulo?

Nós, agora, precisamos aproveitar essa crise para termos mais criatividade, mais ousadia e fazermos os investimentos que nós precisamos fazer. Ficar com medo de fazer investimentos neste instante é a gente consolidar a crise na economia real.

No caso do Brasil, quero que vocês acompanhem de perto, nós vamos enfrentar essa crise tentando vencê-la. E vamos tentar vencê-la a partir das próprias condições do povo brasileiro e das parcerias que poderemos construir com países como a Itália, países da América Latina, países da África. Eu acho que se cada país tentar resolver sozinho esse problema é preciso saber qual é a implicação da sua política interna na política com outros países com quem ela tem relação.

Nós vamos sair de Washington convencidos de que as instituições multilaterais precisam ser fortalecidas. Hoje nós temos uma instância de decisão multilateral fragilizada, não representa mais as aspirações do século XXI e nós precisamos, então, constituir coisas mais fortes. Porque o FMI era importante para dar lições aos países do Terceiro Mundo, mas agora você não vê o FMI falar nada. Ou seja, poderia ter dado um conselho aos Estados Unidos, não deu, e certamente não vai dar, porque é uma instituição que já não tem mais a importância que teve no passado.

Então, que instituições nós vamos criar? Que fórum de decisões nós vamos criar? Já não pode ser um G-8 só. O G-8 já não representa mais a economia mundial. Até porque os países emergentes estão gerando muito



mais riquezas do que os chamados “países ricos”.

Como é possível imaginar uma saída global sem a China, sem a Índia, sem o Brasil, sem o México, sem a África do Sul, sem a Argentina, sem tantos países que pesam na economia global? Isso, eu penso que nós vamos consertar com a maturidade necessária, sem permitir que haja, da parte de quem quer que seja, qualquer possibilidade de tomar decisões que sejam quase como se estivéssemos atirando no nosso próprio pé.

Vim aqui para dizer, dentro da Confindustria, a minha convicção de que nós vamos vencer essa crise. E vamos tirar dessa crise ensinamentos para que o mundo nunca mais cometa os erros absurdos que foram cometidos neste momento histórico. Que não se faça da economia mundial um cassino, mas que se faça da economia mundial uma fábrica, uma produção agrícola para gerar riquezas que todos nós queremos para desenvolver o nosso país.

Minha querida presidenta Emma, queria convidar vocês a levarem pequenas e médias empresas italianas, para que a gente possa aprender como é que se desenvolve uma extraordinária região como a Emilia Romana, como se constrói cooperativas e, quem sabe, tirarmos uns ensinamentos para que haja um crescimento similar no Brasil.

Da mesma forma, nós estamos fazendo acordo com o governo italiano para que juntos possamos construir alguma coisa em terceiros países. Já temos um projeto para a construção (inaudível) produção de biocombustíveis em Moçambique. E nós estamos cientes de que se não resolvermos os problemas dos países pobres, a questão da imigração não será resolvida com polícia e não será resolvida com (inaudível). A questão da imigração é uma questão política e, portanto, os países que podem mais precisam ajudar a desenvolver os países que podem menos, porque em vez deles se transformarem em imigrantes, eles vão se transformar em consumidores e comprar parte dos produtos produzidos nos países mais ricos.

É com essa visão de mundo que eu queria pedir aos empresários



(italianos) que não se afastem do Brasil como durante tanto tempo houve um afastamento, acho que longo. E também o Brasil, porque houve um tempo em que na América do Sul a gente pensava que só podiam os Estados Unidos. Olhava para a Europa, olhando para a Alemanha. A África, a gente não via o mapa, para a América do Sul, a gente não enxergava. Eles eram vizinhos nossos, mas a submissão colonial a que a gente foi submetido permitiu que o Brasil perdesse muito tempo. E eu quero dizer para vocês: nós não vamos perder mais tempo.

O Brasil tem condições de ser uma grande potência. O Brasil tem condições de se desenvolver muito mais rapidamente e depende de ação pronta do governo brasileiro e dos empresários brasileiros.

Por isso, Paulo, quero agradecer à coordenação deste evento. Quero agradecer ao ministro Miguel Jorge. E, sobretudo, quero agradecer aos brasileiros que vieram, que também não é pouca coisa vir a Roma uma vez por ano. Mas, sobretudo, agradecer aos empresários italianos e às empresárias que estão aqui.

Eu quero terminar convidando-os para ir ao Brasil procurar nichos de oportunidade para que vocês possam ampliar o mercado, não de produção, mas o mercado de vendas dos produtos de vocês.

Muito obrigado e boa sorte.

(\$211B)